



# ARTE E SUAS INSTITUIÇÕES

XXXIII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

Organização

Ana Cavalcanti

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira

Maria de Fátima Morethy Couto

Marize Malta

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Setembro 2013





Sobre a imagem da capa: Trabalho de CARLOS ZÍLIO - "Rubens on the beach II, 2007, óleo e bastão de óleo sobre tela, 140x180cm".

## **A Gravura Informal no RESUMO - JB (1963-1972)**

Maria Luisa Tavora - CBHA/EBA/UFRJ

**Resumo:** O RESUMO JB foi uma das mais consequentes exposições periódicas organizadas nos anos 60. A partir de 1963 e durante 10 anos foi organizado pelo crítico de arte Harry Laus do Jornal do Brasil. Participavam todos os artistas que tivessem realizado exposição individual no Rio de Janeiro, no ano anterior à seleção. Esta exposição coletiva foi um dos canais de consagração dos artistas gravadores dos anos 60. O caso exemplar, neste cenário, foi o de Fayga Ostrower, premiada por quatro vezes com gravuras abstratas. Destaca-se a premiação de 1968, quando expôs o Painel do Itamaraty, obra síntese que compõe a história da abstração sensível, no Brasil. A premiação beneficiava o artista e estendia prestígio às instituições e galerias promotoras.

**Palavras-chave:** poéticas informais. exposições individuais. crítica de arte

**Abstract:** Resumo JB was one of the most important exhibitions of its time organized in the 1960s. Since 1963 over 10 years its organizer was art critic Harry Laus from the newspaper *Jornal do Brasil*. Every artist who had held an individual exhibition in Rio de Janeiro the year before the selection took part. The collective

was one of the consolidation channels for printmakers in the 1960s. The iconic figure in this scenario was Fayga Ostrower, awarded four times for her abstract prints. The highlight was the 1968 awards, when the Itamaraty Panel exhibited work synthesizing the history of sensitive abstraction in Brazil. The awards benefited the artist and extended prestige to the promoting galleries and institutions.

**Key words:** informal poetry. individual exhibitions. art critic

No processo de ativação da gravura artística que teve lugar nas décadas de 1950 e 60, várias foram as instâncias que possibilitaram (ou não) sua visibilidade. Os núcleos de ensino, a crítica de arte, os debates e mesas redondas em museus, a imprensa, o MAM-Rio, as galerias, as bienais, os salões e mostras, o campo editorial, desempenharam papel cultural relevante nos questionamentos e promoção da gravura moderna como instrumento de criação artística.

A mostra RESUMO JB constituiu uma experiência de interesse neste cenário de agentes da produção artística que era exposta no Rio de Janeiro. (BOURDIEU, 1982) A partir de 1963 e por dez anos esta mostra foi organizada pelo Jornal do Brasil. Participavam todos os artistas que tivessem realizado exposição individual no Rio de Janeiro, no ano anterior à seleção. O RESUMO parece

ter encontrado vocação mais para consagrar artistas do que revelar jovens talentos. Os dois primeiros RESUMO foram realizados no Salão de Arte do Jornal do Brasil.<sup>1</sup> Nas mostras posteriores, o Museu de Arte Moderna ofereceu seu espaço para a exposição, imprimindo maior destaque e consequência cultural ao certame. Confluíam para a concretização do evento anual, três significativas instâncias de construção de sentido para a obra de arte: um jornal, um museu e a crítica de arte.

O Jornal do Brasil era um periódico de grande circulação, ajustado em sua aparência e conteúdo ao clima desenvolvimentista e de modernização gerado no período do governo Juscelino Kubitschek. A estratégia de mudanças editoriais e gráficas datam da direção da condessa Pereira Carneiro, com parceria importante de seu genro M. F. Nascimento Brito. Através do seu Suplemento Dominical/SDJB (1956-1961), o jornal tornou-se o canal, por excelência, das principais discussões relativas às artes plásticas. Para Décio Pignatari, poeta do grupo concretista: “O JB era o único, o resto era o resto. O jornal criou uma tradição de inovação e conquistou projeção nacional graças ao Suplemento”.<sup>2</sup>

O apoio do Museu de Arte Moderna, por seu turno, foi também muito significativo. Instituição criada na urgência de teorização e discussão do modernismo, integrou-se, por oito anos, na realização do RESUMO - JB. Com a iniciativa, o Museu promovia o conhecimento da produção moderna e contemporânea brasileira, através

<sup>1</sup> À Avenida Rio Branco, 110, quinto andar. Rio de Janeiro /RJ.

<sup>2</sup> PIGNATARI, Décio *Jornal do Brasil*. 11/ 10/ 1986. p. 8-9.

de exposições, reaproximando o artista do público, estabelecendo intercâmbio com a arte internacional.

Os rumos que o Museu tomaria por mais de uma década após sua criação, imprimindo um dinamismo à vida cultural da cidade, resultaram do empenho do casal Niomar Moniz Sodré e Paulo Bittencourt, este garantindo o apoio de seu jornal, o Correio da Manhã, na divulgação de todas as iniciativas institucionais. O braço direito de Niomar era Carmen Portinho (1903-2001)<sup>3</sup>, uma das fundadoras do Museu, Diretora Executiva do MAM. Nos anos 60, além do Resumo JB, o Museu sediou várias exposições de grande expressão para os rumos e atualização da produção artística e cultural como Opinião 65 e 66, Nova Objetividade (em 1967), Salão da Bússola (1969).

No balanço dos dez anos de realização do RESUMO, o crítico Clarival Valladares observou a relevância desta parceria com o MAM-Rio:

Não me proponho a apontar os fatores que asseguraram o equilíbrio e o sucesso do Resumo JB, porém esta iniciativa não teria ocorrido se não existisse, como instrumento fundamental para o exercício do empreendimento, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. O fato do Resumo JB ter sido promoção de uma jornal, mostra de logo a isenção e a liberalidade de princípios do MAM, como entidade expositora. Mostra também, o próprio dos movimentos culturais que sempre dependeram, em qualquer parte do mundo, de um órgão promovedor e de um centro organizador.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Carmen Velasco Portinho foi sócia fundadora do MAM desde 1948. Era a mulher do arquiteto Affonso Eduardo Reidy, autor do projeto da sede definitiva do MAM-Rio, inaugurada em 1959. Tornou-se Diretora Executiva Adjunta do Museu a partir de 1952, por insistência de Paulo Bittencourt que precisava de uma substituta dinâmica e de confiança para sua esposa, em constantes viagens à Europa. *Em depoimento à autora em 21 / 2 / 97.*

<sup>4</sup> VALLADARES, Clarival do Prado. Resumo dos Resumos do JB. *Jornal do Brasil* Suplemento JB, 1/06/ 1972, p. 2.

Coordenado pelo crítico de arte Harry Laus (1922-1992)<sup>5</sup> do JB, a mostra oferecia-se como alternativa para o processo de seleção e premiação da arte num período de falência e desgaste deste processo, revelado pelos descontentamentos e polêmicas face à Bienal paulista e ao Salão de Arte Moderna. Do júri participaram muitos críticos como Marc Berkowitz, Clarival Valladares, José Roberto Teixeira Leite, Mário Barata, Quirino Campofiorito, Murilo Miranda, Mario Pedrosa, Celso Kelly, Jayme Maurício, entre outros.

Esta exposição coletiva foi um dos canais de consagração dos artistas gravadores dos anos 60. A gravura artística participou das 10 edições do RESUMO, tendo sido premiados Fayga Ostrower, Marcelo Grassmann, Isabel Pons, Newton Cavalcanti, Roberto Magalhães, Dora Basilio, Artur Luiz Piza, Anna Letycia, Maria Bonomi, Anna Bella Geiger, Vilma Martins, Emanuel Araújo e Babinski.

Eram escolhidos dez artistas de diferentes modalidades, sendo a gravura representada em média, por dois a três artistas. Sempre o número maior de premiados recaía sobre os pintores, seguidos dos escultores. Desenho e gravura, em menor número, também tinham reduzidos o valor de seus prêmios em dinheiro em relação às outras duas modalidades (Cr\$150.000,00 a Cr\$250.000,00 enquanto os prêmios de pintura e

---

<sup>5</sup> Catarinense de Tijucas, foi crítico de arte do JB (1963/67) e da Revista Veja (68/70). Integrava a ABCA e a AICA. Nos anos 80, retornou a seu estado tendo dirigido por duas vezes o Museu de Arte de Santa Catarina (1985/87 e 89/92). Publicou 10 livros, obra literária pouco conhecida no Brasil. A Universidade Federal de Santa Catarina guarda seu acervo no Núcleo de Literatura e memória do Depto de Língua e Literatura Vernáculas.

escultura se situavam na faixa de Cr\$3000.000,00 a Cr\$5000.000,00).

A promoção integrava, por um lado, um meio de comunicação de grande prestígio e o Museu de Arte Moderna, palco das manifestações vanguardistas e, por outro, o artista e a galeria comercial na qual fizera sua individual. A rede de produção era retomada a cada premiação (BOURDIEU, 1996). Muitos artistas paulistas e de outros estados preocupavam-se em expor no Rio para poder participar desta seleção. O aspecto democrático, inclusão de todas as exposições no processo seletivo e um quadro heterogêneo de avaliadores diluíam os possíveis apadrinhamentos da crítica tão conhecidos em outros eventos. Por essa razão não votavam nem artistas nem *marchands*.

Faziam parte do júri de avaliação “pessoas credenciadas nos meios artísticos, quer por sua participação como críticos ou *experts* quer como colecionadores e, principalmente, incentivadores desse meio”. Ainda segundo seu idealizador Harry Laus, o Resumo pretendia “servir de orientador do público carioca quanto aos melhores artistas brasileiros da atualidade”.<sup>6</sup> A ideia era mobilizar um público de compradores para as obras expostas.

Iniciado em 23 de julho de 1963, o RESUMO homenageou Guignard, Pancetti, Portinari e Segall, ilustres representantes da modernidade brasileira, cujas obras foram incluídas na mostra ainda que não tivessem

---

<sup>6</sup> LAUS, Harry. Qualidade resumida. *Jornal do Brasil*, Caderno B, p.5, 19/ 05/ 1966.



participado de exposição no Rio em 1962. À maneira tradicional dos salões, foram distribuídas para os três artistas mais votados, medalhas de ouro, prata e bronze oferecidas por H. Stern Joalheiros. Os escolhidos na área da gravura, Fayga Ostrower e Marcelo Grassmann. Todos os premiados deviam apresentar para o RESUMO, três obras que tivessem participado da exposição avaliada ou da mesma fase.

O segundo evento, inaugurado em 30 de junho de 1964, distanciou-se da premiação escalonada do anterior, oferecendo aos escolhidos um troféu encomendado ao escultor Maurício Salgueiro. A convite do JB, participaram da seleção 30 pessoas entre críticos de arte, diretores de Museus e colecionadores de arte. Foram escolhidos 5 pintores, 2 desenhistas, 1 escultor e 2 gravadores. Isabel Pons, indicada por 24 dos 30 avaliadores, e Newton Cavalcanti destacaram-se pelas exposições que realizaram em 1963. Segundo o crítico Laus, pintura, escultura e gravura foram dominadas por nomes femininos, com supremacia de votação: Maria Leontina, Lygia Clark e Isabel Pons.<sup>7</sup>

O terceiro RESUMO JB reuniu 65 trabalhos de treze artistas que mais se destacaram nas artes plásticas. O aumento do número de artistas deveu-se ao empate na votação. Inaugurada no MAM-Rio pela Condessa Pereira de Carneiro, a exposição ganhara tal repercussão que fora incluída no calendário oficial dos festejos do IV Centenário da cidade e contava com

---

<sup>7</sup> LAUS, Harry. Mulheres dominam Resumo. *Jornal do Brasil*, Caderno B, p.3, 28/05/1964.

um catálogo. Buscando a renovação de valores, cada artista que tivesse participado da mostra só poderia ser votado dois anos após a primeira participação, subindo para cinco o número de obras a serem apresentadas por cada selecionado. Do júri participaram entre outros, os críticos Marc Berkowitz, José Roberto Teixeira Leite, Mário Barata, Jayme Maurício.<sup>8</sup> A votação era secreta, os envelopes enviados eram abertos em público por uma comissão de críticos, mas houve o caso da declaração antecipada feita por Jaime Mauricio. Foram escolhidos em gravura Roberto Magalhães e Dora Babilio. Neste ano, foi criado concurso para escolha do Troféu do certame, com prêmio no valor de 500 mil cruzeiros, patrocinado pela Petite Galerie e pela DUCAL e ganho por Walter Marques, também gravador. A premiação manteve a tradicional discriminação das técnicas. Os valores dos prêmios continuavam diferenciados de acordo com as categorias, embora nada justificasse tal critério para um certame que buscava soluções mais justas.

Em 1966, foram destacados em gravura Artur Luiz Piza e Anna Letycia. Nesta edição, apenas os críticos do Rio de Janeiro puderam votar.<sup>9</sup> Além de prestigiar “a classe dos críticos”, a seleção corresponderia a “um verdadeiro Prêmio da Crítica”. O número de patrocinadores do evento crescera incluindo as galerias Bonino, Relevo, Petite Galerie, OCA e H. Stern. Passava a ser relevante nos comentários do evento, o anúncio dos promotores das

---

<sup>8</sup> Júri completo, ver Condessa inaugura no MAM a Exposição Resumo JB e entrega prêmios. *Jornal do Brasil*, 9 / 4 / 1965.

<sup>9</sup> Júri completo, ver Encerramento do Resumo JB no MAM, *Jornal do Brasil*, 17 / 7 / 1966; e Prêmios da Crítica *O Jornal*, 2 / 6 / 1966.

exposições.<sup>10</sup> O Resumo contou sempre com uma ampla cobertura jornalística.<sup>11</sup>

Após quatro anos de realização, o idealizador da mostra, Harry Laus manifestava-se a favor de uma revisão das categorias artísticas até então definidas para a seleção. Afirmava em sua coluna: “De alguns anos para cá, a própria nomenclatura dos meios de expressão passou a ser completamente obsoleta”. Reconhecia a partir de exemplos de trabalhos expostos em Resumo, que nem Abraham Palatnik nem Sérgio Camargo faziam pintura ou escultura propriamente conhecidas.<sup>12</sup> Tal inquietação possibilitou mudanças na mostra posterior, com a inclusão de um novo grupo a ser avaliado - o Relevo objeto. Neste grupo, seriam “relacionados os artistas que ora se aproximam da pintura, ora da escultura, sem poderem ser incluídos especificamente em nenhum dos dois. São os artistas das chamadas novas tendências.”<sup>13</sup> O júri selecionou dois entre doze “adeptos dos relevos-objetos”<sup>14</sup> cuja listagem incluía, entre outros, Gastão Manuel Henrique, Farnese de Andrade, Glauco Rodrigues, Helio Oiticica e Flávio Império.

A exposição de 1967 mereceu críticas que reclamaram da qualidade dos artistas selecionados, em contraste com os expositores da Nova Objetividade, evento simultâneo realizado no MAM. Discutiu-se a crise do modelo de mostra

---

<sup>10</sup> AYALA, Walmir. Resumo de Três. *Jornal do Brasil*, 21 / 2 / 1969.

<sup>11</sup> Antonio Bento na Última Hora, Carlos Dantas no Correio da Manhã, Edyla Mangabeira em O Globo, Maria Barata no Jornal do Commercio e Quirino Campofiorito, em O Jornal.

<sup>12</sup> LAUS, Harry. As várias tendências em Resumo. *Jornal do Brasil*, Caderno B, p. 2, 28/06/ 1966.

<sup>13</sup> LAUS, Harry. V Resumo de Arte “Jornal do Brasil”. *Jornal do Brasil*, Caderno B, p. 2, 22 01/ 1967.

<sup>14</sup> LAUS, Harry. Selecionados os nomes para Resumo. *Jornal do Brasil*, Caderno B, p. 2. 14 /02/ 1967.

coletiva sem um gancho temático. Em resposta às críticas, Harry Laus procurou mais uma vez esclarecer a proposta:

[O Resumo] não pretende, absolutamente, ser uma exposição de vanguarda. Pretende antes servir de orientador do público carioca quanto aos melhores artistas da atualidade brasileira, quer sejam consagrados ou jovens. Esta é uma das razões por que os artistas e mercadores de arte não integram o júri de seleção.<sup>15</sup>

Continuando seu artigo, Laus afirma que a seleção refletiu o gosto médio dos que se interessavam por arte:

[..] esta média é feita por quem julga (os críticos), por quem compra(os colecionadores) e por quem zela pelas obras (os diretores de museus), cada um emitindo uma opinião pessoal destituída de qualquer interesse escuso.<sup>16</sup>

Inaugurada em seis de abril, a mostra recebeu duras avaliações de Frederico Moraes, em artigo resposta às considerações de Laus. A seu ver a crítica é sempre vanguarda e a coincidência das exposições no MAM, Nova Objetividade e o Resumo, marcava um vazio entre elas. O referido gosto médio da crítica brasileira no Resumo revelava, em sua opinião, a “monotonia, o cansaço, o esgotamento, a rotina, o batido e o rebatido” de artistas que refletiam o gosto médio brasileiro, o gosto oficial.<sup>17</sup> Seu artigo muda de tom ao tratar das premiadas Fayga Ostrower e Maria Bonomi, a quem atribui a elevação do nível da exposição:

---

15 LAUS, Harry. V Resumo mostra os melhores. *Jornal do Brasil*, Caderno B, p. 2. 2 e 3 /04/ 1967.

<sup>16</sup> Idem.

17 MORAIS, Frederico. O gosto da Crítica em Resumo. *Diário de Notícias*, 2º Seção, p. 1, 14 /04/ 1967.

O nível da exposição sobe com Fayga Ostrower e Maria Bonomi, duas excelentes representantes da xilogravura brasileira, afins em vários pontos mas que seguem, agora, caminhos divergentes. Fayga, mestra e pioneira, vai deixando de lado aquela agressividade de antes, diluindo a cor e a forma num fundo impressionista, transparente, enquanto Bonomi isola a forma, dá-lhe um sentido quase escultórico, acentua a cor e as dimensões..<sup>18</sup>

O evento de 1968 trouxe modificações na distribuição de prêmios, incluindo Prêmio de Viagem e mil dólares, oferecidos pela Companhia de Seguros Sul América. A passagem valia para Rio/Nova York/Europa/Rio. Onze artistas foram selecionados por doze críticos, entre os quais Mario Pedrosa, Frederico Moraes e Walmir Ayala. A proporção da gravura aumentou consideravelmente, com 5 selecionados, quantidade equivalente da seção de pintura. Artur Luiz Piza, Maria Bonomi Marcelo Grassmann, Newton Cavalcanti e Vilma Martins, cabendo a Anna Bella o prêmio de Viagem ao Exterior, e aos demais participantes, diplomas confeccionados por Adelmir Martins. O artista homenageado foi Segall.

No RESUMO de 1969, os gravadores mantiveram-se em destaque. Foram indicados Fayga Ostrower, Anna Letycia e José Lima, além da homenagem póstuma ao grande mestre Goeldi, falecido em 1961, com apresentação além de gravuras, matrizes e peças de uso do seu ateliê. O crítico Walmir Ayala destacou a importância da celebração do pioneiro, em momento de maturidade da gravura artística conduzida por novas gerações premiadas em exposições de âmbito nacional e internacional.<sup>19</sup> Foram

---

<sup>18</sup> Idem.

<sup>19</sup> AYALA, Walmir. Resumo de Arte. *Jornal do Brasil*, Caderno B, p.2, 12 /02/1969.

selecionados 13 artistas com novo empate. O sistema da premiação da Viagem foi aperfeiçoado passando a sorteio entre os selecionados. Ione Saldanha, com sua pintura, teve a sorte maior. Este RESUMO foi considerado o melhor pelos críticos oportunidade em que a premiação de Fayga revelou um momento exemplar do entendimento da arte informal.

Em junho de 1970 realizou-se o VIII RESUMO, integrando artistas de diferentes gerações e tendências de várias regiões do Brasil. Emanuel Araújo e Babinski foram os destaques da gravura, tendo sido escolhidos 15 artistas, com pinturas a óleo, “objetos de acrílico, madeira, papel, aço inoxidável, espelho, plástico, ferro, feltro, desenhos com cartão recortado, gravura e ambientes exigindo a própria participação do espectador.”<sup>20</sup>

No evento de 1971, os artistas selecionados Volpi, Iberê Camargo, Grassmann, Joaquim Tenreiro e Krajcberg, entre outros, sintetizavam as várias tendências de nossa arte moderna. Renina Katz e Marcelo Grassmann responderam pelas melhores experiências com a gravura.

No ano de 1972, o RESUMO JB comemorou dez anos de edição ao mesmo tempo em que encerrava a mostra e seu ciclo de premiações. A gravura foi destacada mais uma vez com Fayga Ostrower, Maria Bonomi e Isabel Pons. Para Walmir Ayala, “a manutenção da mostra padeceria de natural desgaste repetindo os nomes expressivos e pingando anualmente alguns novos valores destacados.”<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> AYALA, Walmir. Chegada da Seleção no Rio transfere para quinta-feira a abertura do Resumo de Arte. *Jornal do Brasil*, Primeiro Caderno, p.10, *Jornal do Brasil*, 23 / 06/ 1970.

<sup>21</sup> AYALA, Walmir. O X RESUMO de Arte. *Jornal do Brasil*, 10 / 2 / 1972.

O certame cumprira seu objetivo, tendo colocado em pauta a produção de quase 50 anos de arte moderna no Brasil. Para Clarival Valladares, o sistema de escolha do Resumo, a partir das exposições realizadas no Rio de Janeiro, favoreceu uma seleção justa, impossibilitando um protecionismo “nem oficioso e nem sectário”, conduzida “sem o comprometimento dos selecionadores com estilos cristalizados ou, ao contrário, com impulsos efêmeros de um vanguardismo duvidoso.”<sup>22</sup> A despeito de uma “espantosa divergência de opinião, de procedência entre os críticos” e desigualdade quanto a isenção face a grupos reconhecia que nada “foi bastante para comprometer o equilíbrio dos resultados.”<sup>23</sup>

A gravura artística ampliou seu espaço no campo da produção das artes plásticas brasileiras, tendo participado de todas as edições do RESUMO.

No campo da abstração informal, parte significativa de seus artistas compôs a lista dos premiados. “Na linha do Informalismo, o Resumo de Arte reuniu uma equipe quase completa” escreveu Walmir Ayala, em seu artigo no qual celebrava a singularidade de treze artistas e suas múltiplas e diversificadas experiências como “o gestual apaixonado de Iberê Camargo” e o “refinamento oriental de xilogravuras imponderáveis” de Fayga Ostrower.<sup>24</sup>

Nesta década de realização do Resumo, a gravura consolidou-se como instrumento de criação artística, lugar

---

<sup>22</sup> VALLADARES, Clarival. Resumo dos Resumos do JB. *Jornal do Brasil*, Suplemento JB, p.2, 1/06/1972.

<sup>23</sup> Idem.

<sup>24</sup> AYALA, Walmir. Resumo e criatividade – Em 10 anos de Resumo 50 anos da Arte Brasileira. *Jornal do Brasil*, Suplemento JB, p.4, 01/06/1972.

de aventura pessoal do artista nos caminhos da abstração. A liberação da cor, a ênfase na revelação da matéria, a problematização do suporte e as consequentes “matrizes-formas” foram experiências que colocaram em pauta a natureza e os fins da linguagem. (TAVORA, 1999) O caso exemplar neste cenário foi o de Fayga Ostrower com suas “xilografuras imponderáveis”, conforme Ayala.

Nos anos 60, Fayga produziu intensamente, de sorte que realizou inúmeras exposições. Nem todas puderam constar da listagem dos candidatos ao Resumo face ao necessário rodízio dos selecionados. Foi premiada por quatro vezes: no primeiro Resumo, em 1963, em 1967, em 1969 e no último, em 1972.

Destaco a premiação de 1969, que considerou sua exposição no MAM-Rio, em 1968, ocasião em que Fayga apresentou o *Painel do Itamaraty*, obra cuja história interessa às questões e ao entendimento da abstração informal.

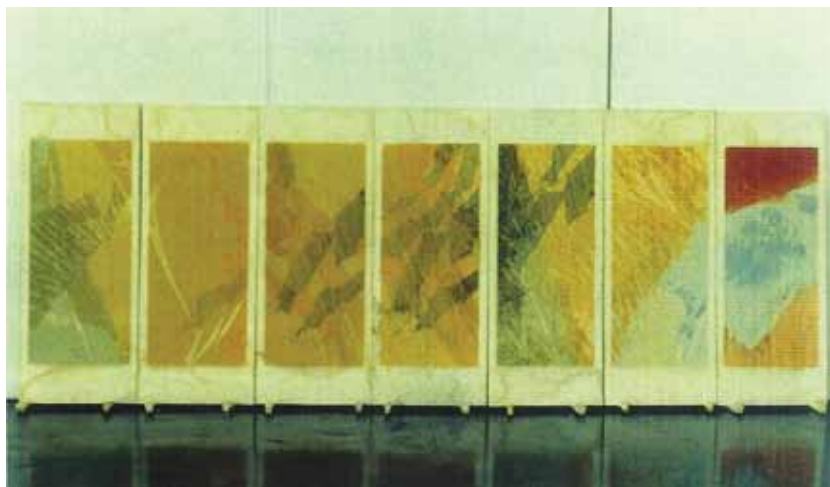


Figura 1 - PAINEL DO ITAMARATY, 1968, xilogravura em cores. 1,04m de altura por 2,80m de largura



Ao final das obras do Palácio dos Arcos em Brasília (Palácio do Itamaraty, em 1967), destinado a abrigar o Ministério das Relações Exteriores, o embaixador Wladimir Murtinho<sup>25</sup>, procurou a artista, interessado em comprar-lhe seis gravuras que comporiam as paredes de uma sala a ela dedicada. Outros tantos artistas de peso no cenário artístico nacional mereceram esta honraria. Fayga preferiu aproveitar a oportunidade para realizar um trabalho especial.

Wladimir Murtinho surpreendeu-se ao ver uma “pilha” de gravuras, - soluções abandonadas, colocadas à parte em um canto do ateliê de Fayga. Murtinho percebeu a importância de todo aquele material, revelador do processo de estruturação da obra informal, e propôs uma exposição do Painel pronto ladeado pelas soluções abandonadas. De junho a julho de 1968, aconteceu a referida exposição no MAM-Rio, sendo considerada a melhor do ano pela crítica especializada do Resumo. Fayga foi contemplada com o “Golfinho de Ouro” pela cidade do Rio de Janeiro.<sup>26</sup>

Momento privilegiado de sua produção, síntese das preocupações de Fayga com sua arte, o Painel marca a história da abstração sensível escrita por ela e outros artistas também premiados pelo Resumo, nos anos 60, no Rio de Janeiro.

---

<sup>25</sup> Encarregado das obras e da posterior mudança do Ministério que funcionava no Rio de Janeiro para Brasília, onde exerceu a função de assessor para Assuntos Internacionais do Ministério da Cultura.

<sup>26</sup> Dois anos depois deste reconhecimento, o *Painel do Itamaraty* proporcionou à artista mais uma distinção. Nas comemorações dos 25 anos da ONU/Organização das Nações Unidas, em 1970, cada país integrado a esta organização presenteou-a com uma obra significativa das artes de seu país. A escolha do governo brasileiro recaiu sobre o *Painel do Itamaraty*.

Transcendência e espiritualidade, transições suaves das cores em transparências numa escala monumental, para um trabalho em xilogravura,<sup>27</sup> que ganha outra dimensão artística. Numa audácia cromática, verdadeira sinfonia das cores, Fayga imprimiu à obra uma leveza desconcertante. Um ritmo no espaço gravado provoca o observador, convocado a atravessar com seu olhar as múltiplas camadas de cor que se superpõem, sendo levado a um mundo de poesia. Tudo é trabalhado em prol de uma atmosfera imaterial que aloja um lirismo. (Tavora, 1990)

Esta premiação além do importante reconhecimento da crítica às pesquisas de Fayga destacava a função cumprida pela exposição do Painel do Itamaraty, rara oportunidade oferecida ao público de uma iniciação ou aprofundamento conceitual da abstração informal.

Finalmente, importa salientar que a mostra coletiva igualava as atividades das Instituições oficiais às das galerias comerciais, pois suas exposições recebiam o mesmo tratamento no processo de seleção. Ambas se beneficiavam. Aquelas, por serem consideradas na dinâmica de distinção do mercado. Estas, por verem reforçado seu papel cultural. A escolha das melhores exposições individuais do ano beneficiava o artista e estendia o prestígio às instituições e galerias promotoras.

O RESUMO permitiu uma articulação dinâmica dos diferentes agentes do campo de produção de sentido da gravura artística. Vários aspectos podem ser destacados

---

<sup>27</sup> Foram necessários 9 meses e meio para a conclusão do Painel do Itamaraty: 7 xilogravuras em cores sobre papel de arroz, com 80x35cm cada uma. Área total gravada: 80 x 2,45m; Área total do Painel incluindo as margens de cada prancha: 1,04m de altura por 2,80m de largura.

em relação a este evento: o sentido de promover uma atualização do meio cultural face à realidade artística de seus dias. Para o artista, o conhecimento do seu mercado de trabalho e em relação ao crítico a cobrança de uma responsabilidade social.

**Referências Bibliográficas:**

BOURDIEU, Pierre. *A economia dos bens simbólicos*. São Paulo: Perspectiva, 1982, pp.99-178.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lúcia Machado, São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TAVORA, Maria Luisa Luz. *A gravura Brasileira posta em questão: anos 50 e 60*. Rio de Janeiro. IFCS/UFRJ, 1999. (tese doutorado)

TAVORA, Maria Luisa Luz. *O Lirismo na Gravura Abstrata de Fayga Ostrower*. Rio de Janeiro, EBA/UFRJ. (dissertação mestrado)

